

ANTÔNIO SOARES AMORA

**ANÁLISE  
RETROSPECTIVA E  
PROSPECTIVA  
DOS ESTUDOS  
CANONIANOS  
EM 1980**

## ABSTRACTS

At the first part of his work, the author presents an examination of what has been written about Camões during these four centuries of the Poet's survival. At the second part, the lecturer opens some prospects of work to new researches in the field of studies about Camões.

### RESUMO -

Apresenta o Autor, na primeira parte do seu trabalho, um balanço sobre o que foi escrito sobre Camões, nesses quatro séculos de sobrevivência do Poeta. Na segunda parte, abre ele algumas perspectivas de trabalho para novas pesquisas no campo da camonologia.

---

\* Conferência pronunciada nesta Faculdade, no dia 21 de outubro de 1.980, em comemoração do 4º Centenário do nascimento de Camões.

Publicados Os Lusíadas, em 1572, imediatamente se iniciou a Camonologia, isto é, os estudos e as discussões em torno do Poeta e de sua obra. E iniciada no fim do século XVI, com a crítica de Frei Bartolomeu Ferreira, Visor da Inquisição, a Camonologia tem evoluído, até nossos dias, através de uma sucessão de períodos que, salvo alguns naturais descompassos, têm correspondido aos períodos da evolução geral das idéias literárias e, particularmente, das idéias críticas.

Em síntese, percorreu a Camonologia, na sua evolução histórica, os seguintes períodos:

Do último terço do século XVI, ou mais precisamente, de Frei Bartolomeu Ferreira (1) à publicação da obra de Luís António Verney, nos meados do século XVIII, - (2) desenvolveu-se o primeiro período da Camonologia, que se caracterizou, de um lado por um movimento crescente e por fim dominante no sentido de divulgar o Poeta, multiplicando as edições de sua obra (a lírica sempre acrescida de novos "achados" e "melhorada" na forma), e no sentido de o sobrepôr, como épico e lírico, a todos os valores clássicos, antigos e modernos; esse movimento teve como principais fatores Manuel Correia, (3) Severim de Faria, (4) - Faria e Sousa (5) e João Franco Barreto - (6). De outro lado, caracterizou ainda este período uma natural oposição aos citados apologistas de Camões, levada a efeito por um crítico que acabou muito contes

tado, Manuel Pires de Almeida.(7)

Nos meados do século XVIII, com o triunfo em Portugal do movimento neoclássico ou arcádico, que se caracterizou por uma rigorosa revisão das idéias literárias e críticas do Quinhentismo e do Seiscentismo, começou um segundo período da Camonologia, que resultou em ser também uma revisão de idéias anteriores sobre Camões e sua obra. Por isso, Luís António Verney, (8) Francisco José Freire, (9) Jerônimo Soares Barbosa, (10) no estrangeiro Voltaire (11) e Monsieur de La Harpe, (12) e tantos outros, na Itália, na Inglaterra, na Alemanha e noutros países, (13) se sempre encontraram em Camões motivos para a glorificação anterior, não tiveram dúvida em lhe apontar senões de expressão e concepção poética, o que, entretanto, não impediu surgissem dentre os poetas áfricos da época, como foi o caso de Bocage, entusiásticos imitadores de Camões. E já no começo do século XIX, encerrando esta linhagem de críticos neoclássicos, avultou-se, pelo que logrou impor de sua presença na época, o polemista José Agostinho de Macedo, (14) a que de certo modo fez frente, pelo menos moralmente, a monumental edição de *Os Lusíadas*, feita em 1817, em Paris, pelo Morgado de Mateus.(15)

Um terceiro período da Camonologia começaria em 1825, com a publicação do poema *Camões* de Garrett, (16) que inaugurou o Romantismo em Portugal e nos permite dizer que, enquanto o período anterior foi neoclássico, este foi romântico. O poema de Garrett visou a conseguir e conseguiu criar na época, em Portugal e no Brasil,-

uma espécie de consciência coletiva de -- que Camões era o símbolo do homem romântico e o exemplo mais alto do estremecido -- amor à Pátria, consciência que provocou, -- nos dois países da língua comum, o aparecimento de grande número de obras, literárias e de artes plásticas, inspiradas na vida do Poeta, (17) e a reedição, para -- maior vulgarização, de toda a produção -- que lhe era atribuída, empenho editorial -- em que se destacaram, Barreto Feio e J.G. Monteiro, (18) Francisco Freire de Carvalho (19) e, sobretudo, o Visconde de Juruemha. (20)

O quarto período da Camonologia foi -- promovido pela geração do Realismo e por isso denominamo-lo realista. Começou com as comemorações do terceiro centenário da publicação de *Os Lusíadas*, em 1872, e caracterizou-se, guardadas as naturais diferenças, pelo espírito crítico típico do -- Realismo, o que marcou decididamente as -- pesquisas e as idéias que reformularam a concepção da vida e da obra de Camões, particularmente de seu significado como símbolo nacional e romântico. Coube ainda a este período realizar as comemorações do terceiro centenário da morte do Poeta, em 1880, e nele se distinguiram Oliveira Martins, (21) Teófilo Braga, (22) Vale Cabral, (23) Brito Aranha, (24) José do Canto. (25) Mas este período não foi apenas o início de uma Camonologia mais sistemática e mais exigente de documentação. Foi também o início de uma projeção maior de Camões para além das fronteiras de Portugal, o que significa que se começou a compreender o Poeta, não apenas como um valor nacional ou um símbolo patriótico, mas também universal. Se em vários países continuaram a

surgir (é verdade que não tantos como no período anterior) pronunciamentos sobre Camões e sua obra, foi sem dúvida à Alemanha, com W. Storck, (26) e ao Brasil, com Joaquim Nabuco, (27) que a Camonologia ficou a dever, neste período, as melhores contribuições.

O quinto período da Camonologia, que se desenvolveu dos últimos anos do século XIX até a altura de 1930, foi francamente influenciado, em Portugal e no Brasil, pelos movimentos simbolista, nacionalista e espiritualista então dominantes em vários países. Natural, portanto, neste período, a par de uma reação contra o historicismo dos críticos anteriores - quase que só ocupados com a biografia e a bibliografia do Poeta, e com a interpretação da realidade cultural de sua época - a preocupação de lhe compreender "mistérios da biografia" e "pormenores da obra", como diria, depois de 1930, reagindo contra essas tendências, Hernâni Cidade. Com o objetivo de revelar mistérios da biografia de Camões e pormenores de sua obra, realizaram-se os trabalhos de José Maria Rodrigues, (28) Carolina Michaelis de Vasconcelos, (29) Epifânio da Silva Dias, (30) Francisco Sales da Lencastre, (31) Pereira da Silva, (32) Afonso Lopes Vieira, (33) e no Brasil os de Afrânio Peixoto (34) e Pedro A. Pinto (35), - até hoje fundamentais para a interpretação do texto de *Os Lusíadas*, para os estudos de suas fontes, para a discussão de sua lição primordial, (36) e para a compreensão da grandeza do Poeta, - bem como fundamentais para posteriores trabalhos sobre o cânone da sua lírica.

Da idéia de um Camões Poeta Nacional,

definida e posta a circular pelos românticos, e dominante no século XIX, evoluiu-se para uma idéia mais ampla e mais rica de conteúdo e significação: Camões Poeta da Raça. E foi esta idéia, sem dúvida mais próxima da realidade profunda da personalidade e da obra de Camões, que levou os camonólogos do Brasil a sentirem o Poeta, já não apenas como um tema português, senão que também, por todas as razões, brasileiro, ou melhor, como um tema lusobrasileiro. Afrânio Peixoto, Pedro A. Pinto e Sílvio de Almeida(37) foram, com toda a justiça, os mais influentes espíritos brasileiros empenhados em formar, entre nós, no Brasil, a consciências de um Camões, símbolo de nossa "raça" e uma das expressões máximas de nossa potencialidade poética.-

Se o ano de 1880, comemorações do tricentenário da morte do Poeta, mais ou menos o momento culminante da Camonologia no período do Realismo, o ano de 1924, comemoração (por convenção) do quarto centenário do nascimento do Poeta, marcou o clímax da Camonologia deste período. E nesta altura o mais significativo, a par da publicação de muitos trabalhos e da realização de importantes conferências, foi a criação, na Universidade de Lisboa, por iniciativa de Afrânio Peixoto e com apoio material de Zeferino de Oliveira - da Cadeira de Estudos Camonianos, logo ocupada pela autoridade de José Maria Rodrigues.(38) -

O sexto e último período da evolução da Camonologia poderíamos denominar Modernista, de vez que sofreu influências dos movimentos críticos e estéticos suscitados por essa tendência artística. No começo dos anos 30 duas ocorrências, na história dos estu

dos camonianos, puseram em evidência, no campo desses estudos, dois críticos, Fidelino de Figueiredo e Hernâni Cidade, que, embora com respeito e mesmo amizade por mestres da geração anterior, haveriam de dar à Camonologia novas orientações. O primeiro fato foi a publicação, em 1931, de *A Épica Portuguesa no Século XVI*, (39) obra com que Fidelino de Figueiredo, reagindo - como disse - contra uma "erudição marginal parasitária" da obra de Camões, começaria a chamar a atenção da crítica para dois novos aspectos do poema épico de Camões: - seu sentido renascentista e humano e sua gênese, que, segundo uma nova teoria geral da epopéia, não decorria, como fizeram crer os teóricos anteriores, dos modelos clássicos imitados, mas, de acordo com novas provas documentais, de uma ambiência épica típica do século XVI português. Com a ainda pequena, mas arguta e bem informada obra de Fidelino de Figueiredo, ficaram desde logo definidos os seguintes fatos: 1º)-uma nova teoria das fontes literárias; 2º)-uma melhor compreensão da ausência de uma epopéia nacional das navegações na literatura espanhola; 3º)- a poesia épica portuguesa de caráter nacional não é um ciclo; reduz-se ao poema *Os Lusíadas*; 4º)- a verdadeira epopéia da Renascença, pela fidelidade ao seu espírito e pelo relevo genial com que o expressa, é o poema de Camões.

No ano seguinte à publicação da obra de Fidelino de Figueiredo, isto é, em 1932, com o afastamento, por motivo de saúde, de José Maria Rodrigues, Hernâni Cidade assumiria por dois anos a responsabilidade da Cadeira de Estudos Camonianos da Faculdade de Letras de Lisboa, e iniciaria seu curso acerca da poesia lírica de Camões, afirman



do, desde logo que, contrariamente à geração de camonistas anteriores, deixaria de se ocupar dos "mistérios da biografia" de Camões e de "obscuros pormenores" de sua obra, para se aprofundar na "personalidade do Poeta" e no sentido artístico de -- sua inspiração e de sua expressão líricas, ou, como ele disse, para se aprofundar na "beleza imortal que criou e de que nos -- constituiu herdeiros".(40) Ao lado dos estudos de Fidelino de Figueiredo, que começaram em 30 e terminaram em 1951,(41) continuaram os trabalhos de pesquisa das "leiturias de Camões" iniciados antes de 30, e nessa linha merecem referência autores que trabalharam na linha de Joaquim de Carvalho,(42) como A.J. da Costa Pimpão,(43) - Virgílio A. Ferreira,(44) e João Mendes,(45). Bem mais recentemente, ainda nesse tipo de estudo das fontes da cultura de Camões, publicou-se no Brasil um trabalho de João de Scantimburgo, que desenvolve a tese de que Camões teve dominante formação aristotélica-tomista.(46)

A contribuição de Fidelino de Figueiredo aos estudos camonianos foi notável, - mas compreendamos que se concentrou no -- problema da gênese de *Os Lusíadas*. Mais -- ampla foi sem dúvida a contribuição de -- Hernâni Cidade, que no seu primeiro volume sobre Camões - o poeta lírico - publicado em 1936 e com sucessivas reformulações até 52, propôs novos caminhos para -- três áreas dos estudos camonianos: 1º) - a biografia do Poeta e sua formação; 2º) - o cânone editorial; 3º) - o conteúdo e a expressão poética da lírica. Depois, em -- 1950, no volume destinado ao poeta épico, propondo-se estudar no poema "não constituições sintáticas, senão valores estêti

cos e ideológicos", (47) Hernâni Cidade -- propôs novas interpretações de *Os Lusíadas*; e, por fim, em 1956, no último volume da série, reformulou a crítica do teatro e das cartas de Camões. (48) Poucos anos depois, seu antigo discípulo, Antônio José Saraiva, deu novas e importantes contribuições ao estudo de conjunto da vida, da formação e da obra de Camões, discutindo, pela primeira vez, e com grande proficiência, as relações dessa vida e dessa obra com a cultura portuguesa do século XVI. (49)

Mas se importantes foram, nesta última e ainda atual fase da Camonologia, as citadas contribuições, que nos levaram a ver melhor a vida do Poeta, a época de sua formação e atuação, o sentido artístico de sua lírica e a gênese de sua epopéia, não concluímos que a elas se limitou o que de mais importante têm produzido os estudos camonianos, nestes últimos cinquenta anos, já em grande parte inventariados. (50) Neste sentido temos ainda de ter em conta o seguinte: no estudo da época, os trabalhos, dentre outros de J.S. da Silva Dias, (51) no estudo da biografia do Poeta, embora muito discutidas, pelas concessões à ficção e pela interpretação de sua obra lírica, as contribuições de Aquilino Ribeiro (52) e mais recentemente de José Hermano Saraiva; (53) no estudo da biografia psicológica de Camões, a notável obra de Roger Bismut, (54) no estudo da lírica do Poeta, a par dos decisivos trabalhos para o estabelecimento do cânone básico da obra, levados a efeito, por José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira, (55) Costa Pimpão, (56) Hernâni Cidade, (57) Salgado Júnior, (58) Jorge de Sena, (59)

Roger Bismut, (60) Emmanuel Pereira Filho, (61) Vítor Manuel de Aguiar e Silva, (62) - Leodegário Azevedo Filho, (63) Maria Isabel Ferreira da Cruz, (64) e outros, estão os estudos de interpretação de seu texto, do ponto de vista estético, levados a efeito por um Sílvio Peliegrini, (65) pena é que de um elenco de apenas quarenta poemas; no que respeita ao estudo de Os Lusíadas, além do trabalho de Jorge de Sena e de outros sobre a estrutura do poema, (66) temos de ter em conta boas edições escolares, bordadas de abundantes comentários, como é o caso das contribuições de Emanuel Paulo Ramos (67) e Reis Brasil (68). Finalmente, a propósito da Camonologia destes últimos cinquenta anos temos ainda de ter em conta notáveis trabalhos bibliográficos, que completaram antigos levantamentos e os aperfeiçoaram pela descrição das espécies e reprodução de facsímiles; é o caso, significativo, do Catálogo da Exposição Bibliográfica, Iconográfica e Medalística de Camões (69) realizada em Lisboa, em 1972, e embora sem a abrangência e o rigor desta obra, mas continuando seu inventário, no que respeita ao anos de 70 a 78, merece registro o trabalho da Revista Camoniana da Universidade de São Paulo, - Brasil. (70)

Se o período anterior ficou assinalado pela comemoração do centenário do nascimento do Poeta, este ficará, na história dos Estudos Camonianos, pelas comemorações de dois centenários, o da publicação de Os Lusíadas, em 72, e do da morte do Poeta, neste ano de 80.

E aqui há que pôr um ponto final nesta breve, e por força das circunstâncias-

perfunctória história da Camonologia. Antes disso, no entanto, é de nosso dever formular uma prospectiva destes estudos, o que vale dizer, indicar os caminhos de trabalho, que estão abertos para a geração de novos críticos, interessados em ingressar neste riquíssimo campo de estudos.

=====

## PROSPECTIVA DA CAMONOLOGIA

Se bem tenhamos de admitir como certo que novas perspectivas serão abertas à Camonologia (como ocorreu em períodos anteriores), por novas tendências da cultura, da literatura, da crítica e estudos afins, tendo em conta tudo que acabo de dizer podemos indicar também como certos, e necessários, os seguintes caminhos de trabalho:

- 1º- Complementação dos inventários bibliográficos, iconográficos, medallísticos e numismáticos já feitos, de modo a termos um completo e sempre atualizado "corpus" mundial dos documentos que se referem a Camões e à sua obra.
- 2º- Continuação das pesquisas e estudos necessários ao estabelecimento do canone básico da obra do Poeta.
- 3º- Continuação das pesquisas para melhor conhecimento da Camonologia em Portugal e noutros países, abrindo-se aqui um capítulo acerca das influências do Poeta.
- 4º- Continuação das pesquisas e interpretações documentais para melhor conhecimento da época do Poeta, em consequência de suas fontes de cultura.

## C O N C L U S ã O

Meia hora passamos à sombra, não do Poeta, como sei que todos preferiam, - mas de seus estudiosos. Entretanto, se assim foi, creio que nosso procedimento se justifica plenamente, porque se o importante, para o nosso espírito e nossa sensibilidade, é ter sempre presente o espírito do escritor e sua obra, na altura em que praticamente em - as comemorações do IV centenário do -- Poeta, é não só oportuno, mas necessá - rio, ter em conta o que se fez em qua - trocentos anos para compreender, fruir e julgar esse espírito e sua obra, e - ainda o que cumpre, às novas gerações, fazer nesse sentido.

São Paulo, setembro de 1980

=====

## NOTAS

1- V. Os Lusíadas de Camões, Lisboa, - 1572. Sobre Frei Bartolomeu Ferreira veja-se o estudo de Souza Viterbo, Frei Bartolomeu Ferreira, o Primeiro Censor dos Lusíadas, Lisboa, 1891; sobre as possíveis interferências do censor no texto do poema, veja-se as considerações de Aquilino Ribeiro, Luís de Camões, Lisboa, s.d. (1950).

2- Verdadeiro Método de Estudar, Valença, 1746.

3- Os Lusíadas do Grande Luís de Camoens..., Lisboa, 1613. Vem nesta edição a primeira biografia do Poeta, escrita por Pedro de Mariz.

4- Vida de Luiz de Camões, 2. Discursos Vários Políticos, Évora, 1624. Estudo desta obra e da crítica que mereceu de um contemporâneo, Pires de Almeida, encontra-se em Antônio Soares Amora, Manuel Pires de Almeida - Um crítico inédito de Camões, S. Paulo, Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1955.

5- Os trabalhos de Faria e Sousa publicaram-se, parte em vida do Autor, parte postumamente: Lusíadas de Luís de Camoens... Comentadas por..., Madri, 1639; 2a. ed., - Lisboa, 1972; Rimas varias de Luís de Camoens... Comentadas por... Tomos I e II, - Lisboa, 1685; Tomos III, IV y V, Lisboa, - 1689. Embora muito se aleguem os méritos e os deméritos do monumental estudo camonológico de Faria e Sousa, ainda não se fez uma análise suficiente das contribuições do mais laborioso camonianista clássico.

6- Obras de Luís de Camões... com os argumentos do..., Lisboa, 1670; Discurso-apologetico sobre a visao do Indo e Ganges que o grande Luiz de Camoes representou - em o canto IV dos Lusíadas a El-Rei D. Manuel (escrito em Coimbra, 1639); 1a. ed., - Porto, in Anuário da Sociedade Nacional - Camoniana, 1881; 2a. ed., Évora, 1895. --

7- Sobre Pires de Almeida, cujas obras são modernamente começaram a ser estudadas, vejam-se: Fidelino de Figueiredo, História da Crítica Litteraria em Portugal, 2a. ed., Lisboa, 1926; António Soares Amora, Manuel Pires de Almeida - Um crítico inédito de Camoes, S. Paulo 1955; Primeiros passos da Camonologia no século XVII, in Romanistisches Jahrbuch, VI, Band, 1953-54, Hamburgo, 1956, pp. 344-358. Luís Piva, Discurso Apologetico de Manuel Pires de Almeida sobre a Proposição de Os Lusíadas, - in Revista Camoniana, São Paulo, v. 3, 1971, p. 235-258; O V Canto de Os Lusíadas visto por Manuel Pires de Almeida, in Revista - Camoniana, 2a. serie, 1978, p. 59-66. Do mesmo autor, a propósito de outro comentário inédito, v. Marcos de Lourenço. Um comentarista inédito de Camoes. idem, nº-2, p. 77-89.

8- V. nota 4.

9- Arte Poética, Lisboa, 1748.

10- Analyse dos Lusíadas, Coimbra, 1859.

11- Essai sur la Poesie Epique, Lausanne, 1756. As censuras de Voltaire a Camões, - respondeu Tomás José de Aquino, no discurso preliminar das Obras de Luís de Camões, Lisboa, 1779, pp. XVI-XXX.



12- D. Hermilly et I. Fr. La Harpe, La Lusíade de Camoens... Nouvellement traduit du Portugais, Avec des Notes et la Vie de l'Auter..., Paris, 1776, A La Harpe respondeu Antônio de Araújo de Azevedo, Memória em defeza de Camões contra Monsieur de la Harpe, in Memorias de Literatura Portuguesa, vol. VII, pp. 5-16 - (1806).

13- Para as obras referidas, v. as fontes citadas nas notas 69 e 70.

14- Discurso Preliminar, in Oriente, - Lisboa, 1814, pp.37-100; Censura dos Lusíadas, Lisboa, 1820; 2 vols. Entre os que responderam a José Agostinho, salientam-se Nuno Álvares Pereira Pato Moniz, Exame Analytico, Lisboa, 1815, e José Ramos Coelho, Camões e Macedo, in Trabalhos da Academia de Ciências de Portugal, 1a. série, tomo 29, 1a. parte, pp. 31-42, - Lisboa, 1911.

15- D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcelos, Morgado de Mateus, nasceu em 1758 e morreu em Paris em 1825; - figura de relevo na diplomacia portuguesa, no primeiro quartel do Século XIX, e na história da Camonologia. V. Os Lusíadas. Poema Épico de Luís de Camões, Paris, 1817. Sobre o Morgado de Mateus e sua -- edição d'Os Lusíadas, vejam-se principalmente: Visconde de Juromenha, op. cit., - in Nota 22, pp. 373-382; Afrânio Peixoto, Camões e o Brasil, Lisboa, s.d., pp.243-268; Anne Gallut. Le Morgado de Mateus - Editeur des Lusíadas. Lisboa, Liv. Bertrand, 1970.

16- Camões. Paris, 1825. (Sem indicação do nome do autor por motivos políticos).

17- Bom inventário de obras de literatura e de artes plásticas inspiradas por Camões e pel'Os Lusíadas oferece o volume XIV do Dicc. Bib. Port., de Inocêncio Francisco da Silva e Outros.

18- Obras Completas de Luíz de Camões, correctas e emendadas pelo cuidado e diligência de..., Hamburgo, 1834, 3 vols.

19- Os Lusíadas de Luiz de Camões, Nova Edição... Seguida de anotações... por..., Lisboa, Rollandiana, 1843.

20- Obras de Luiz de Camões, Lisboa, Imprensa Nacional, 1860-1869.

21- Os Lusíadas. Ensaio sobre Camões e a sua obra, em relação à sociedade portuguesa e ao movimento da Renascença, Porto, 1872; nova edição, refundida sob o título, Camões - Os Lusíadas e a Renascença em Portugal, Porto, 1891.

22- História de Camões. Parte I: Vida de Luiz de Camões, Porto, 1873; Bibliografia camoniana, Lisboa, 1880; Camões e o Sentimento nacional, Porto, 1891; Camões - EPOCHA e Vida, Porto, 1907; Camões e a Obra Lyrica e epica, Porto 1911; Os Amores de Camões - Commentario biographico de suas lyricas, Porto 1917; Obras completas de Luiz de Camões, Edição critica com as mais notaveis Variantes, Porto, - 1873-1874, 7 vols.; Parnaso de Luiz de Camões, Porto, 1880, 3 vols.; Os Lusíadas de Luiz de Camões - Edição consagrada ao terceiro Centenario do poeta. Porto, 1880.

23- Alfredo do Vale Cabral, Bibliographia camoneana (Resenha chronologica das edicoes das obras de Luiz de Camões e de suas traduções impressas). Rio de Janeiro, 1880.

24- A obra monumental de Camões. Estudos Bibliographicos, Lisboa, 1886-1888.

25- Collecção Camoneana, tentativa de um catalogo methodico e remissivo, Lisboa, 1895.

26- Wilhelm Storck, Luís de Camoens Leben, Paderborn, 1890. Obra traduzida e anotada por Carolina Michaelis de Vasconcelos, Vida e Obras de Luís de Camões; - Lisboa, 1898. Para outros trabalhos camonianos do Autor, veja-se Fidelino de Figueiredo. A Critica Litteraria como Sciencia, 3a. ed., Lisboa, 1920, pp. 185-195. Sobre os estudos camonianos na Alemanha, vejam-se principalmente: Joaquim de Vasconcelos, Camões em Allemanha, Porto 1887; Wilhelm Storck, Camões na Allemanha in Circulo Camoneano, Porto, 1ª vol., 1889-1890; J.A.L. Bertrand, Camões en Allemagne. in Rev de Litt. Comparee, 1925.

27- Camões e Os Lusíadas, Rio de Janeiro, Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1872. Sobre os trabalhos camonianos no Brasil ainda está por fazer um estudo suficiente.

28- Fontes dos "Lusíadas", in O Instituto, vols. 51ª-66ª, Coimbra, 1904-1913; Algumas observações a uma edição comentada dos Lusíadas, in Rev. da Univ. de Coimbra, vols. 2ª, 3ª e 4ª, Coimbra, 1913--1915; Os Lusíadas de Luís de Camões, Reimpressão "fac-similada" da verdadeira 1ª.

Edição dos Lusíadas, de 1572, precedida -  
duma introdução e seguida dum aparato crí-  
tico, Lisboa, 1921; Os Lusíadas de Luís -  
de Camões, Edição Nacional, Lisboa, 1931-  
(Com a colaboração de Afonso Lopes Viei-  
ra); A tese da Infanta nas Liricas de Ca-  
mões, Coimbra, 1933.

29- Estudos Camonianos I. O Cancioneiro  
Fernandes Tomas. Coimbra, Universidade, -  
1922. II. O Cancioneiro do Padre Pedro Ri-  
beiro. Coimbra, Universidade, 1924. Sete  
anos de pastor Jacó servia. Soneto de Ca-  
mões. Porto, Circulo Camoniano, 1889. Sep.  
Dispersos Originaes Portugueses. III. Es-  
tudos Camonianos. Lisboa, Rev. Ocidente -  
(1972).

30- Augusto Epifânio da Silva Dias, Os  
Lusíadas de Luís de Camões commentados -  
por... , 1a. ed., Porto, 1909; 2a. ed., -  
Porto, 1916.

31- Os Lusíadas..., Edição anotada para-  
leitura popular, Lisboa, 1915.

32- Luciano Pereira da Silva, A Astrono-  
mia dos Lusíadas, in Revista da Universi-  
dade de Coimbra, vols. 20, 30 e 40, Coim-  
bra, 1913-1915; in Obras Completas. Lisboa  
1943, 1, pp. 199-521.

33- Os Lusíadas. Edição Nacional. Impren-  
sa Nacional de Lisboa, 1928. Pref. de Ca-  
rolina Michaelis de Vasconcelos. Revisão  
de José Maria Rodrigues.

34- Camões e o Brasil, Lisboa, Bertrand  
s.d.; Ensaos Camoneanos, Coimbra, Univer-  
sidade, 1932; Dicionário d'Os Lusíadas, -  
Rio de Janeiro, Sociedade de Estudos Camo-  
nianos, 1924 (de colaboração com Pedro A.  
Pinto).

35- Pedro A. Pinto, A Margem d'Os Lusíadas, Rio, 1923; Dicionário dos Lusíadas, - Rio de Janeiro, 1924 (de colaboração com Afrânio Peixoto).

36- Os trabalhos de restituição do texto do poema à sua lição primordial começaram, propriamente, com o Morgado de Mateus.

Sobre este problema, ainda por resolver satisfatoriamente (se é que o podemos resolver), os melhores trabalhos são: Tito de Noronha, A Primeira Edição dos Lusíadas, Porto, 1880; José Maria Rodrigues, -- Introdução à Edição "Fac-similada", Lisboa, 1921.

37- Sílvio de Almeida, Estudos Camonianos, S. Paulo, 1925.

38- Para a história da criação dessa cadeira veja-se Afrânio Peixoto, Camões e o Brasil, Lisboa, s.d., p. 5-80. José Maria Rodrigues ocupou a Cadeira de Estudos Camonianos até 1932. Em seguida ocupou-a, - mais de uma vez, o Prof. Hernâni Cidade, - que se aposentou nos fins de 1972.

39- Fidelino de Figueiredo, A Épica Portuguesa no Século XVI - Subsídios documentares para uma teoria geral da epopéia, - S. Paulo, 1950. V., no Registro Bibliográfico, p. 403, a evolução deste trabalho.

40- Ver Nota Preambular à edição de --- Luís de Camões - O Lírico, 1a. ed. Lisboa, Bertrand, 1936; 2a. ed. ibidem, idem, 1952.

41- Fidelino de Figueiredo, Ainda a Épica Portuguesa (Notulas de autocritica). -- Sep. Rev. de História, nº 5, São Paulo, - 1951.

42- Iniciados no período anterior, os -

trabalhos de Joaquim de Carvalho continua-  
ram neste período. Ver Galileu e a Cultu-  
ra Portuguesa sua Contemporanea. Coimbra,  
Coimbra Editora, 1944; e em nova edição -  
seus estudos anteriores: Estudos sobre a-  
Cultura Portuguesa do Século XVI. Coimbra,  
Universidade, 1947 - 1948, 2 v.

43- Camões Leu Platão? In Biblos, vol. -  
XV, t. 1, p. 378-390, Coimbra, 1939.

44- Teria Camões lido Platão? Notas so-  
bre alguns elementos platônicos da lírica  
camoniana. In. Biblos, vol. XVIII, t. 1, -  
p 225-247, Coimbra, 1942.

45- O Platonismo de Camões. In: Brotē-  
ria, vol. 96, nº 5, p. 503-529, Lisboa, -  
1973.

46- Interpretação de Camões (À Luz de -  
Santo Tomas de Aquino). São Paulo, Ed. Me-  
lhoramentos, Sec. de Cultura do Estado, -  
Ed. Univ. de São Paulo, 1978.

47- Hernâni Cidade, Luís de Camões - O  
Épico, 1a. ed. Lisboa, Bertrand, 1950, 2a.  
ed., ibidem, idem, 1953.

48- Luís de Camões - Os Autos e o Tea-  
tro de seu Tempo. As Cartas e seu Conteú-  
do Biográfico. Lisboa, Bertrand, 1956.

49- História da Cultura em Portugal, -  
Lisboa, Jornal do Foro, 1962, vol. III, -  
p. 637-684.

50- Ver notas 69 e 70.

51- Portugal e a Cultura Europeia. Coim-  
bra, Universidade, 1953; A Política Cul-  
tural da Época de D. João III. Vol. I, -  
Coimbra, Universidade, 1969; Os Descobri-  
mentos e a Problemática Cultural do Secu-

lo XVI. Coimbra, Universidade, 1973.

52- É comum, em muitos estudos biográficos modernos, a precaução em face do muito que se tem afirmado e negado acerca da biografia de Camões. É o que ocorre em -- Hernâni Cidade, Luís de Camões - O Lírico, cit. em nota 40. Mas o mesmo não ocorre -- com a obra de Aquilino Ribeiro, Luís de Camões - Fabuloso, Verdadeiro, Lisboa, Bertrand, 1950, em que o autor arrisca algumas informações ainda não comprovadas suficientemente.

53- Vida Ignorada de Camões. Lisboa, Europa-America, 1978. Ver a propósito de -- restrições a esta obra, Americo da Costa-Ramalho, Recensão Crítica, Sep. de Humanitas, XXIX-XXX, 1977-1978, Coimbra.

54- Le Lusiadas de Camões, Confession d'un Poete. Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

55- Lírica de Camões. Edição crítica - por... Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932.

56- Luís de Camões, Rimas. Autos e Cartas. Sob a direção literária de... Barcelos, Cia. Ed. do Minho, 1944; 2a. ed., 1953, 3a. ed., 1973.

57- Luís de Camões. Obras Completas. - Lisboa, Sá da Costa, 1946; 2a. ed., 1954 1956.

58- Luís de Camões. Obra Completa. Rio de Janeiro, Aguilar, 1963.

59- Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular. Lisboa, Portugalia Editora, 1969.

60- La Lyrique de Camões. Centre Cultural Portugais, Presses Universitaires de France, Paris, 1970.

61- As Rimas de Camões. Rio de Janeiro, José Aquilar e MEC, 1974.

62- Notas sobre o Cãnone da Lírica Camoniana. Sep. da Rev. de História Lit. de - Port., vol. VII, Coimbra, 1975.

63- O Cãnone Lírico de Camões, Rio de Janeiro, Nova Cultura, 1976.

64- Novos Subsídios para uma Edição Crítica da Lírica de Camões. Os Cancioneiros Inéditos de Madri e do Escorial. Porto, - Fac. de Letras, 1971.

65- Lirichí di Luís de Camões. Scelte e Commentate de... Modena, Società Tipografica Modenese, 1951.

66- Ver os seguintes trabalhos: Jorge de Sena, A Estrutura de Os Lusíadas e Outros Estudos Camonianos e da Poesia Peninsular do Seculo XVI. Lisboa, Portugalia, - 1970; Vítor Manuel de Aguiar da Silva. O Significado do Episódio da Ilha dos Amores na Estrutura de Os Lusíadas. Lisboa, Comissão do IV Centenário da Publicação - 01, 1972; Ofélia Milheiro Caldas Monteiro, Os Lusíadas - Significado Epocal e Estrutura do Poema, *ibidem*, *idem*, 1972. - Aníbal Pinto de Castro, O Episódio do Adamastor: seu lugar e significado na estrutura de Os Lusíadas; *ibidem*, 1972.

67- Luís de Camões, Os Lusíadas. Editor Literário..., 6a. ed., Porto, Porto Editora, s.d.

68- Luís de Camões. Os Lusíadas. Comentários e estudo crítico, Lisboa, 1960...



69- Lisboa, Biblioteca Nacional, 1972. Com Apêndice, *ibidem*, *idem*, 1972. Acresça-se a este catálogo o seguinte: Edições-Comemorativas do IV Centenário da Publicação de Os Lusíadas - 1971 - 1974. *Ibidem*, *idem* 1974; Artigos Comemorativos em Publicações Periódicas - 1971 - 1974. *Ibidem*, *idem*, 1974.

70- 1a. Série, vol. I, 1964; vol. II, 1965; vol. III, 1971;

2a. Série, vol. I, 1978; vol. II, 1979.

=====